

A MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA INGLESA E O USO DE RECURSOS LINGUÍSTICOS NO ENSINO REGULAR

Karoline Silva Abreu¹

Prof^a Ma. Michelle Caldeira De Souza Silva²

RESUMO

A Morfossintaxe é a compilação dos estudos morfológicos e sintáticos de uma língua, cujo ensino é comprometido, bem como outros estudos, uma vez que o ensino de línguas estrangeiras parece não decolar no ensino regular de boa parte das escolas brasileiras. O desapareço dos estudantes e o despreparo de muitos docentes são fatores que muito contribuem para o fracasso no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo deste trabalho foi buscar algumas causas e consequências dos fatores que levam esse processo a ser um malogro e sugerir possíveis soluções na tentativa de sanar os descasos no ensino de línguas estrangeiras. Este trabalho contempla uma pesquisa qualitativa e foi elaborado a partir de materiais publicados em artigos, dissertações, teses, livros, além de alguns sites cientificamente confiáveis. Os resultados mostraram o que diversas pesquisas apontam: na rede de ensino regular das escolas – tanto pública quanto particular – o ensino da língua inglesa é defasado e fraco, o qual, basicamente, prepara os estudantes com um inglês visando a aprovações em vestibulares, e não para fluência. Portanto, para que o ensino de língua inglesa melhore e seja eficaz, é necessário que novas metodologias sejam adotadas, além de outras medidas que visem ao mesmo propósito.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa, Ensino regular, Morfossintaxe.

¹ Graduanda de Letras – Inglês da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), EU, karolinesilva0@hotmail.com

² Professora orientadora Mestra em Letras - Universidade Estadual do Maranhão, UE, ellehcim20@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A escola é o principal espaço para que os alunos se sintam estimulados à aprendizagem. O inglês é uma língua rica, ubíqua, e requer que o professor atue como um mediador, tentando levar seus aprendizes ao mundo da descoberta, motivando-os a querer buscar e entender os amplos conhecimentos dessa língua, como a morfossintaxe, por exemplo. Assim, esse profissional será a peça-chave para o desenvolvimento desses estudantes.

Partindo desta explanação, pergunta-se: a educação básica, focalizando-se no ensino de morfossintaxe da língua inglesa, apresenta de modo eficiente, esse e outros assuntos que devem ser abordados durante a vida escolar?

Com base neste questionamento, este trabalho busca subsídios dentro do contexto da educação formal, mais especificamente no ensino secundário (fundamental e médio), observar se o ensino de língua inglesa é um processo de aprendizagem eficiente para uma educação contínua e para a vida cotidiana dos estudantes.

Portanto, como objetivo, o presente trabalho visa a estudar, a partir de uma revisão bibliográfica, a maneira como o ensino de língua inglesa é aplicado em algumas escolas de educação básica e se de algum modo esse ensino contribui satisfatoriamente para a vida escolar/acadêmica e também pessoal dos estudantes.

Esta pesquisa justifica-se pelo perceptível baixo rendimento escolar e desinteresse por parte dos alunos e, muitas vezes, pelo despreparo de alguns professores de línguas. Além disso, o presente trabalho também se justifica pela conscientização de alunos e professores sobre a importância de um ensino de LE adequado e eficiente, que não vise somente a aprovações em provas.

METODOLOGIA

Este trabalho contempla uma pesquisa qualitativa descritiva de revisão bibliográfica. Foram usados para a elaboração deste trabalho materiais publicados em artigos, dissertações e teses presentes no acervo das bases de dados do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), livros, além de outros materiais cientificamente confiáveis.

Foram consideradas as obras como critérios de inclusão, disponibilizadas em língua portuguesa e língua inglesa, que apresentaram o texto de forma completa e percorreram acerca do conteúdo explorado. Foram consultados 6 (seis) livros, 10 (dez) artigos de periódicos (eletrônicos, de uma revista e de um evento acadêmico), 2 (dois) dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Após a leitura e análise dos materiais selecionados,

foram excluídos 2 (dois) livros, 3 (três) artigos, uma dissertação de mestrado e a tese de doutorado por não atenderem a sugestão do tema, o que culminou na seleção de 12 (doze) publicações.

Foi realizada a leitura dos resumos das publicações depois da pesquisa bibliográfica com o intuito de selecionar as obras que melhor esclarecem a temática abordada e atendem aos objetivos do presente estudo. Posteriormente, fez-se a leitura dos trabalhos na íntegra com o objetivo de assimilar os conhecimentos de maior relevância de maneira a contribuir na construção deste trabalho.

DESENVOLVIMENTO

Benveniste a respeito da língua:

Ora, essa língua configura-se no seu conjunto e enquanto totalidade. É, além do mais, organizada como combinação dos “signos” distintos e distintivos, suscetíveis, eles próprios, de decompor-se em unidades inferiores ou de agrupar-se em unidades complexas. (BENVENISTE, 2005, p.69)

Isto posto, entende-se que questão discursiva referente ao ensino de gramática da língua inglesa nas escolas, deve receber atenção significativa, maiormente no que se refere ao êxito do aprendizado. De acordo com Dutra e Mello (2004), o ensino de línguas foi reajustado nos tempos recentes, entretanto, o interesse em ensinar, considerando a eficiência e habilidade comunicativa, ainda é insatisfatório e insuficiente.

Segundo Celani (2001), algumas observâncias dentro do contexto escolar corroboram para o insucesso da assimilação durante as aulas de línguas estrangeiras, principalmente naquelas que têm como enfoque o aprendizado das concepções gramaticais (regras, exceções, morfologia, sintaxe). Problemáticas como: salas superlotadas, despreparo profissional, desmotivação dos alunos, reduzido número de horas-aula e dificuldades relacionadas ao fator da aprendizagem são constantes em muitas instituições do país.

Consoante a esta situação, constata-se que o professor é, indubitavelmente, considerado apto para realizar a mediação entre o aluno e a aprendizagem, sobretudo, de maneira efetiva. Em relação ao desenvolvimento docente, o professor poderá usar sua capacidade criativa para que sejam feitos reajustes de práticas antigas, por meio da tomada de novas atitudes que ativem a capacidade linguística inteligível do aluno, até mesmo em aulas de morfologia e sintaxe, concernentes à gramática prescritiva.

Segundo a autora De Paula, considerando as pesquisas de Zeickner e Liston (1996), é necessário que os profissionais da docência:

[...] assumam papéis ativos na sua prática e que, portanto, devem estabelecer os objetivos e os resultados a serem alcançados e também assumir papéis de liderança no desenvolvimento curricular e nas reformas da escola. Desse modo, os problemas de ordem pessoais como os distúrbios psíquicos e físicos devido à sobrecarga de trabalho e os problemas enfrentados em sala de aula, como a questão da indisciplina, as salas superlotadas, a baixa carga horária e, principalmente, a má remuneração, são muitas vezes citados por professores como motivos pelos quais eles não conseguem promover mudanças no contexto escolar, nem buscam desenvolver-se profissionalmente. (DE PAULA, 2015 apud ZACKNER & LISTON, 1996).

A discussão de alguns pontos referentes ao ensino satisfatório de qualidade, especificamente à Morfossintaxe da Língua Inglesa, ou seja, a parte “gramatical”, contribui para possíveis mudanças em relação à postura do professor e do próprio aluno mediante este processo de aquisição de saberes.

O profissional deve estar disposto a adotar novas metodologias de ensino, não obstante, o aluno deve mostrar-se como sujeito ativo, enxergando-se como integrante essencial durante a assimilação dos conteúdos e demais conhecimentos. Segundo Chantraine-Demailly (1992):

Para que um professor realize um investimento na fabricação ou na reelaboração das suas propostas, é preciso que ele se sinta de algum modo pressionado, ou porque está a dar os primeiros passos num determinado domínio, ou porque o seu trabalho não responde às necessidades dos alunos (e tenta melhorar, em vez de fugir), ou porque a sua segurança profissional lhe permite usufruir de um excedente de energia disponível para a inovação. (CHANTRAINE-DEMAILLY, 1992, p. 155).

Deste modo, considera-se imprescindível criar novas práticas de ensino que acionem no aluno as suas infinitas capacidades comunicativas, aproximando à realidade, a gramática e a Morfossintaxe da Língua Inglesa, por meio da expansão do conhecimento, ademais, por intermédio da readaptação de exercício e pela proposição de finalidades palpáveis que possam ser compreendidas em situações reais de enunciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há uma quantidade significativa de artigos, livros e pesquisas efetivas que compilam um acervo referente às discussões da prática de ensino de língua inglesa, tratando a indiligência na instrução e aprendizado dela em um espaço destinado a aquisição de conhecimento.

Entretanto, de acordo com as pesquisas realizadas para a produção deste artigo, observou-se que, até agora, subsiste uma escassez de esclarecimentos, no tocante às práticas de mecanismos de ensino sobre a Morfossintaxe da Língua Inglesa.

Em um contexto de ensino-aprendizagem de LE (língua estrangeira), é necessário o uso didático de suportes pedagógicos que implementem o exercício de instruir a respeito da gramática inglesa; bem como a morfossintaxe e seus processos construtivos, de maneira que o aluno seja acionado, sistematicamente, a intercomunicar seu aprendizado à sua realidade, mesmo distanciado do espaço da prática de ensino habitual.

Pontara e Cristóvão (2017) afirmaram que a discussão acerca da prática de ensino por meio de gêneros não é algo recente; as autoras, igualmente, utilizaram termos como análise linguística (AL) e *transposição didática* (criado pelo sociólogo francês Michel Verret, em 1975) para traçar comentários sobre as questões didáticas no ensino de língua inglesa. Segundo as autoras:

Sem dúvida, realizar a transposição didática dos modelos teóricos e das pesquisas empíricas (cf.: Bronckart 2006) tem sido um desafio para os professores ao se depararem com documentos oficiais que sinalizam, por exemplo, para um ensino com base em gêneros e, acrescentaríamos, para o trabalho com a gramática na perspectiva da AL. (PONTARA & CRISTÓVÃO, 2017).

Há a necessidade de adotarem-se posturas didáticas – efetivas e inovadoras – no contexto do exercício de ensino-aprendizagem, para que as mesmas sejam integradas ao estudo de uma língua – no que corresponde a este artigo, a língua inglesa; e que, conseqüentemente, possam contribuir na aquisição de conhecimentos bem-sucedidos acerca da morfossintaxe. Assim, Pontara e Cristóvão (2017), afirmam:

Por essa razão, julgamos que o ensino que trata a gramática como contextualizada, seja um degrau a ser transposto, com vistas a um ensino de gramática via AL. E a transposição desse degrau exige novas posturas por parte do professor no que concerne às concepções de língua(gem), texto, escrita, ensino, gramática. Exige novas posturas também no que se refere à organização curricular, ao planejamento, à metodologia, de modo que não mais escolhamos os textos em função dos conteúdos gramaticais, mas sim que os conteúdos gramaticais sejam estudados em função das necessidades e características dos textos e do agir linguageiro e praxeológico que se pretende. (PONTARA & CRISTÓVÃO, 2017).

Fenner e Corbari (2004) sugeriram discussões referentes ao ensino de gramática, e sustentaram a ideia de que a docência, e, por conseguinte, a assimilação eficaz de uma língua estrangeira, não mais consiste no ato de aprender regras e exceções da língua, e que o

homem é um ser capaz de expressar-se, interpretar e sentir, estando apto a compreender, desta maneira, múltiplos sentidos de contextualização.

Lê-se em Pontara e Cristóvão (2017):

A partir, portanto, de um ensino de línguas pautado pela abordagem de gêneros, passamos a conceber o ensino de gramática como vinculado às necessidades e características do texto, sendo ensinada em sala de aula mediante atividades que se voltem para o desenvolvimento das CL dos alunos, as quais não envolvem somente o saber linguístico, mas vão muito além. (PONTARA & CRISTÓVÃO, 2017).

Entretanto, é necessário analisar esta questão sob outra perspectiva, tendo em vista a realidade das condições de ensino de uma instituição não-privada; e ademais, verificar se o que é proposto aos alunos proporciona um aprendizado satisfatório. Contudo, vale acentuar que, mesmo em escolas privadas (de qualquer natureza) há uma discrepância entre os objetivos a serem logrados e os resultados obtidos por intermédio da proposta de ensino.

Segundo Sena (in LIMA, 2009, p. 31), os educadores sentem dificuldades e veem obstáculos para uma aprendizagem satisfatória, sobretudo em relação à quantidade de estudantes em um espaço exíguo e desconfortável, carga horária reduzida (principalmente de línguas estrangeiras), e amiúde desinteresse e despreço da parte dos alunos. Logo, alguns docentes preferem optar pelo que exige mínimo esforço, que seria a instrução pautada em traduções de textos ou frases descontextualizadas e resumida em métodos de transposição entre sentenças interrogativas, afirmativas e negativas sugerida pelo método tradicional arcaico.

Vilson Leffa é citado como um dos (muitos) autores que se interessou em pesquisar a respeito das razões e implicações do fracasso no ensino de língua estrangeira; ele afirmou:

Procuo lançar dois olhares sobre o fracasso do ensino de LE na escola pública: o primeiro, voltado para trás, procurando localizar a origem do fracasso; o segundo, olhando para frente, tentando vislumbrar possíveis soluções. Entendo que há várias maneiras de ver esse fracasso, desde a criação de bodes expiatórios até a apoteose da carnavalização. A tentativa de criar bodes expiatórios é a mais primitiva: põe-se a culpa em alguém, que pode ser o governo, o professor, ou mesmo o aluno: é o mundo da condenação que separa pessoas e grupos em inocentes e culpados (LEFFA, 2011, p. 15-16).

Tem sido compreendido o desafio de lecionar satisfatoriamente em um cenário de condições desfavoráveis, observando-se que a maior parte das instituições que oferece o ensino de línguas, ainda opta por permanecerem neste estágio tradicional e ultrapassado.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Segundo os estudos de Antunes (2007), conhecer a gramática – mesmo que de forma isolada por meio do estudo de classificações e sintaxe – é compreender o caráter significativo deste conhecimento para a formação do aluno.

“Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, é no interior destas e a partir destas que a análise linguística se dá” (GERALDI, 1991).

A ideia central desta referência concatena-se à ideia de escolher, como mecanismos efetivos para o sucesso da aprendizagem, as Sequências Didáticas (SD) juntamente com a Análise Linguística (AL) através das práticas de leitura e escrita (PONTARA & CRISTÓVÃO, 2017). Segundo Nicholls (2001), na maioria das vezes, a finalidade linguística do ensino de inglês, consiste unicamente no ato de instruir gramática (e consequentemente a Morfossintaxe da Língua Inglesa) aos alunos, sobretudo do 3º ano (Ensino Médio), de forma algarviada, com o propósito de prepará-los exclusivamente para os vestibulares aos quais eles serão submetidos.

Porquanto, observa-se que “ensina-se a falar *sobre* a língua (o que, na realidade, é uma atribuição do linguista), mas não a falar a língua, a fazer uso dela para se comunicar [...]”. (Nicholls, 2001, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário mundial atual, percebemos que o uso da língua inglesa está cada vez mais crescente; é o idioma universal de um mundo globalizado, e com a evolução cada vez maior desse processo (Globalização), principalmente com a revolução tecnológica, nos deparamos com a inegável necessidade de estarmos inseridos nesse contexto global, por meio de uma língua que alcance a todos, nos dando boas condições de comunicação de uma maneira única.

A Morfossintaxe da Língua Inglesa propõe o estudo dos aspectos e elementos da morfologia e sintaxe dessa língua, observando o seu uso em situações de interação comunicativa; através desta é feito o estudo das estruturas morfológicas básicas, tais como: regras de formação de palavras, morfologia verbal e nominal, constituintes morfológicos etc., e também de estruturas sintáticas básicas, por exemplo: constituintes, categorias e funções sintáticas, verbos, sentenças simples e complexas e suas diferentes estruturas, elementos sentenciais definidos sintática e semanticamente, classificação formal das sentenças e suas funções no discurso, entre outras.

Na Morfossintaxe da Língua Inglesa também é feito o estudo de estruturas mais complexas; as *clauses* (orações) são grupos de palavras que contêm um sujeito e um verbo, mas também podem incluir outros tipos de elementos.

Por isso a importância de ensino eficiente desta disciplina, já que ela visa a capacitar, aprimorar e desenvolver a competência linguística, oral e escrita, assim como verificar a aplicabilidade do conhecimento adquirido no ensino-aprendizagem do inglês como língua estrangeira.

Mas a formação de professores de língua inglesa é um árduo processo. Se o sujeito for brasileiro, as coisas se complicam ainda mais no contexto atual, já que a formação de professores em alguns cursos de letras no nosso país ainda está longe de ser um trabalho eficiente. Prova disso é que, mesmo depois de quatro ou cinco anos de curso, muitos licenciados em letras com inglês não conhecem boa parte dos métodos de ensino.

Além disso, devido à grande ineficiência de muitos cursos de letras com inglês no Brasil, há cursos de treinamento de professores em institutos de idiomas que formam esses profissionais em um período de tempo menor e com mais eficiência.

E como infeliz resultado tem-se um ensino de inglês falho nas escolas públicas, e o que se recomenda, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é o enfoque no ensino de leitura por reconhecer que muitos professores não dominam a língua inglesa. Trata-se de uma incongruência, uma vez que isso evidencia o fato de universidades estarem licenciando professores de língua inglesa que não dominam a língua que “ensinam”.

Portanto, para que houvesse uma melhora no ensino do inglês na educação básica, seria necessário que o idioma começasse a fazer parte do currículo escolar mais cedo, não somente na segunda etapa do ensino fundamental; a carga horária das aulas teria de ser maior e menor teria de ser a quantidade de alunos nas turmas, estas, inclusive, divididas por nível de conhecimento; os recursos didáticos deveriam ser mais tecnológicos e sortidos; os professores precisariam treinar a conversação com tutores nativos e de capacitações presenciais, além de oportunidades de intercâmbio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5616>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

BRITISH COUNCIL. **O ensino de inglês na educação pública brasileira.** Disponível em: <http://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? In: LEFFA, V. (Org.). **O professor de línguas: construindo a profissão.** Pelotas: Educat, 2001. p. 21-40.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. **Algumas reflexões sobre o ensino de gramática em língua inglesa.** In: 6º Encontro do Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2004. 6 p. Disponível em:

<http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Coordenadas/ALGUMAS%20REFLEX%C3%95ES%20SOBRE%20O%20ENSINO%20DE%20GRAM%C3%81TICA%20EM%20L%C3%8DNGUA%20INGLESA.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

JARETA, G. Por que o ensino do inglês não decola no Brasil. **Revista Educação**, São Paulo: Editora Segmento, ano 19, 223ª ed., dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/por-que-o-ensino-do-ingles-nao-decola-no-brasil/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

